



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11383 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

PARA UM AFROLETRAMENTO DOCENTE: TENSIONAMENTOS AO CURRÍCULO E À EDUCAÇÃO ESCOLAR EM CONTEXTO AMAZONICO DE PORTO VELHO - RONDÔNIA

Maria José Ambrósio dos Reis Peters - GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA

Marcia Machado de Lima - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PARA UM AFROLETRAMENTO DOCENTE: TENSIONAMENTOS AO CURRÍCULO E À EDUCAÇÃO ESCOLAR EM CONTEXTO AMAZONICO DE PORTO VELHO -RONDÔNIA

Trata-se de uma pesquisa-ação realizada no âmbito do Mestrado em Educação Escolar, junto a professoras do ensino fundamental de uma escola básica pública de Porto Velho – Rondônia, que conta com matrículas de crianças haitianas. O tempo da pesquisa abarcou, de certa forma, aprendizados de toda a experiência educadora de 21 anos na escola-campo, mas a compôs com outro objeto, passou a compor outros estranhamentos, também quanto às relações étnico-raciais. Os discursos docentes e o fazer pedagógico no cotidiano escolar especificamente quanto às marcas da presença da diáspora afrocaribenha, em seu processo mais recente em Porto Velho, Rondônia foram trazidos para o âmbito da pesquisa-ação. Os processos políticos e pedagógicos vividos pelas docentes de educação básica provocados pela convivência em sala de aula com crianças negras imigrantes haitianas, não falantes do português e, em nas rodas de conversa ao longo da pesquisa, mobilizou certa compreensão em novas bases dos processos históricos e violentos de preconceito de raça dedicado aos povos africanos e afrodiaspóricos no Brasil. A pesquisa inscreve-se, prioritariamente, na direção da ampliação da compreensão desses traços no cotidiano da escola e na reflexão sobre como responder Neste trabalho, dedicaremos atenção às reflexões e conversas sobre a pergunta: quais as condições do afroletramento docente para/na educação para as relações étnico-raciais na Amazônia e acolher a diáspora afrocaribenha e suas marcas?

Hall comenta a respeito do sentido das diásporas, dos deslocamentos como sendo um dos resquícios do cruel processo histórico pelos quais os negros passaram ao longo da

história.

Nossas sociedades [caribenhas] são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa “associação civil” foi inaugurada por um ato de vontade imperial. O que denominamos Caribe renasceu de dentro da violência e através dela. A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial. (HALL,2003, p.30).

Apesar das espoliações, deslocam-se aproximadamente 4,5 milhões de haitianos para diversos países levando como um ato de resistência sua língua materna.

Para uma compreensão melhor deste processo, recorreremos a Quijano (2005) quando explica que o padrão de poder estabelecido mundialmente teve como base a classificação social com ideia de raça que não existia antes da modernidade de forma categorizada. Essas identidades históricas racializadas pela episteme moderna e pela colonização foram sendo aceitas na medida em que historicamente se articularam no *modus operandi* no senso comum. As relações sociais, políticas e culturais passam a dar ênfase a valores e gestos produzidos por conquistadores, brancos, europeus de modo a angariarem o certo consenso de gestos e valores europeus – dos colonizadores - como superior, privilegiada e como uma forma única de cultura e de conhecimentos (homogeneidade). Subjugando como negativas e inferiores os inúmeros povos “[..]astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas etc. e os povos [..]trazidos como escravos da futura África: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc.” (QUIJANO, 2005, p.127), a singularidade de duas raças: índios e negros.

Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez menos óbvia, mas não é menos decisiva sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade.

Ocorreu, também, uma dualidade entre o europeu e não-europeu. Os colonizadores percussores da modernidade, trazendo a razão como forma de dominação, expropriação e extermínio, colonizaram a América Latina e usurparam suas riquezas. Sobre isso, Quijano

(2005, p.139) afirma “[..]é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre necessariamente distorcida. É tempo, enfim de deixar de ser quem não somos. ”

Existem no Brasil muitas pesquisas sobre os imigrantes haitianos e sua chegada aos espaços escolares. Lemos e temos essas outras pesquisas e aprendemos a pensar a nossa. Nos aproximamos daquelas que apresentam grau de coerência no enfrentamento das indicações de Hall sobre os deslocamentos e a colonialidade articulada nas práticas vindas dos processos de racialização. Quijano ainda aponta três facetas da dominação a partir dos processos colonizadores: a colonialidade do poder, do saber e do ser. A colonialidade do poder estabeleceu uma “[..] estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da dominação. A colonialidade do saber criou uma “[..] repressão de outras formas de produção de conhecimento não europeu que nega o legado intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais pois pertencem a uma "outra raça”. A colonialidade do ser constituindo-se de “[..] uma negação de um estatuto humano para africanos e indígenas, por exemplo, na história da modernidade colonial. ” (OLIVEIRA; CANDAU,2010, p. 5-7).

Essa marca histórica é reproduzida nos espaços sociais e engendram a importância do currículo com viés decolonial, que seria encontrar maneiras de minar as três formas de colonialidade que são uma realidade no currículo tradicional disseminado nas escolas. Seria uma atitude de reconhecer, validar e valorizar os saberes a partir das Américas, da África, dos povos originários.

O currículo decolonial interage com essas novas aproximações pelo fato de conspirar para a educação étnico-racial, configurando um pensar inclusivo do imigrante, oferecendo à escola possibilidades de encarar as diferenças como riqueza, constituindo, desse modo, o respeito à diversidade de culturas e saberes. Entretanto, sem uma formação em que o docente possa entrar em contato com essas possibilidades, esses conceitos serão apenas um manuscrito teórico. Não adianta construir ideias mirabolantes, discutir pedagogias encantadoras se não houver escuta, políticas públicas e injeção de crenças na formação docente.

No artigo Formação de professores e decolonialidade: livro “O cabelo de Lelê”, as autoras Lopes e Lorryne do Nascimento contextualizam uma das formas de trazer a discussão para a sala de aula afirmando que “[...] a educação é uma ferramenta de transformação social (e pode) promover [...] uma sociedade mais igualitária no acesso aos bens e serviços diversos.” (LOPES; NASCIMENTO, 2021, p.69). Defendem suas afirmativas utilizando Hall, Torres, Gomes para interpretar o empoderamento da identificação com os cabelos como forma de desconstruir no imaginário social a identidade negativa sobre a negritude.

[..]A colonialidade do ser entrecruzada com a do poder e saber, instituiu um ideal de beleza dominante que se legitima a partir de uma perspectiva europeia, branca e ocidental. Invisibilizando a importância histórica do continente africano, e subalternizando todas as outras formas de estética, inclusive a estética negra afro-diaspórica. [...A]s identidades negras foram forjadas sobre ideais simbólicos negativos, desvinculados da ligação com o continente africano, sobretudo, no que diz respeito ao cabelo crespo. (LOPES; NASCIMENTO 2021, p. 71).

Referindo-se às questões de formação docente apontam na direção de um currículo decolonial, além da ampla divulgação e conhecimento da Lei 10.639/03 como direito especialmente das populações afrodescendentes. As relações étnico-raciais como formação docente incluem-se nesse contexto

[..] a formação de professores (as) aliada a função social da escola, deve possibilitar a compreensão da diversidade, a partir do viés do multiculturalismo. Sendo assim, a proposta é pensar desde a oferta dos cursos de licenciaturas até a formação continuada, formas de inserir os professores e professoras dentro das discussões sobre as questões que discutem as relações étnico-raciais, para permitir que a aprendizagem das crianças seja, também, baseada na história dos grupos que não está nos livros didáticos. (LOPES, NASCIMENTO, 2021, p.75).

Outra abordagem para um currículo decolonial é a filosofia do quilombismo de Abdias do Nascimento. Essa proposta encaminha

[..] alternativas e perspectivas quase desconhecidas que podem sugerir argumentos, ponto de vista, ideias e conceitos em favor de caminhos inusitados criativos e propositivos sobre ética, política, ciência, religião, sexualidade, educação, relações etnicorraciais e de gênero, entre outros assuntos e temas (BARBOSA; NOGUERA, 2015, p.36).

Afrocentricidade insere a contribuição dos negros a partir da África, permitindo um agenciamento próprio nos conhecimentos assim disseminados. Os três conceitos trazem as contribuições dos indígenas e dos negros do ponto de vista de suas sociedades. São abordagens epistêmicas, complexas que preconizam a descolonização. Nesse sentido, o afroletramento compõe metodologia potente.

Afroletramento docente é ramificação que produz entrada para discussão sobre África no espaço escolar e leva o debate acadêmico de longa data que Nascimento e Assante abordam sobre afrocentricidade. A afrocentricidade parte de uma experiência situacional, de agenciamento, de recomposição, de realocação da África e africanidades como centro de conhecimentos e aprendizagem.

Para discutir o conceito de afrocentricidade contextualizou-se o seu processo histórico. Para tanto, consultou-se o artigo A Abordagem Afrocentrada, História e Evolução de Nascimento (2009, p.37-42) que cita e analisa as circularidades ocorridas nos movimentos negros nos EUA e nas produções acadêmicas decorrentes. Foram contribuições importantes para demonstrar a África como centralidade cultural, social, econômica e política, como também, contribuições para demonstrar o impacto dos processos históricos na construção de um modo de produção intelectual, acadêmica e epistemológica.

Principiando pelos movimentos culturais religiosos e filosóficos: a Cerimônia do Voudun (1791) liderada por Dutty, Fatiman alcançou destaque sobre a influência na consolidação do conceito afrocentricidade porque promoveu um movimento a partir da tradição religiosa de matrizes africanas no Haiti, o Voudun. Essa força uniu 50.000 pessoas em ato de resistência capaz de demonstrar que a colonização existiu, feriu, dizimou, mas, poderia ser desconstruída. Essa forma de pensamento descentrado fez acontecer a Revolução do Haiti. Ressalta-se que a revolução foi efetivada por pessoas de ascendência africana e tornou o Haiti a primeira república negra independente nas Américas.

Afrocentricidade aborda a história do mundo na perspectiva dos negros, da África, filosoficamente respeitando as matrizes africanas, sua religiosidade e suas tradições ancestrais. O mesmo sentido que Assante imprime no conceito de afrocentricidade já existia no movimento negro. Uniu as produções acadêmicas que conseguiram ser visibilizadas, em crítica frontal a obras como A Crítica ao Ensaio sobre desigualdades das raças humanas, de Gobineau (1967/1854); Da igualdade das raças humanas: antropologia positiva, de Firmin (1967). É possível perceber como o conceito afrocentricidade foi sendo construído.

O conceito de afrocentricidade na produção acadêmica se propaga no ano de 1980 com a obra Afrocentricidade: a teoria da mudança social do cientista e filósofo estadunidense Molefi Asante, (NASCIMENTO, 2010, p.4) mas circulava com Cheik Anta Diop (1951), historiador e antropólogo senegalês, autor de Nações e Cultura Negras (1954) (DIALLO; SANTOS, p.14). Esses autores trouxeram contribuições marcantes para a localização centrada dos africanos e sua descendência. A afrocentricidade enfrenta a experiência dolorosa da escravização no sistema colonial e empreende sua força na contemporaneidade.

Elisabete Nascimento, pesquisadora brasileira que estuda afrobrasilidades, em 2010 cunha o termo afroletramento docente e recupera a produção acadêmica de Asante. A autora discute 3 dimensões.

O agenciamento de poder. Esse agenciamento consegue linear o “letramento numa perspectiva afrocentrada” promovendo a diversidade. Também retira o unidirecionamento dos conhecimentos acadêmicos somente para saberes eurocêntricos e descentra o etnocentrismo que “perpetuou modelos e essencialismo” (NASCIMENTO, 2010, p.4), pelas civilizações afora.

A simetria participativa no jogo político dentro do afroletramento refere-se a

desenvolver equanimidade no sentido de empoderar, encorajar as e os professores (as) a fazerem uso simétrico dos conhecimentos eurocêtricos e dos conhecimentos africanos na mesma medida. A ideia não é folclorizar ou permitir que os conhecimentos africanos sejam uma coisa exótica ou excêntrica. Ou para expansão meramente mercadológica. A ideia é que se possa falar de África na escola de uma forma natural, corriqueira, tanto quanto da Europa ou EUA.

Finalmente, passar da ambivalência para o empoderamento, oferecer espaços de diálogos para professores (as), como propõe Nascimento (2010, p.5), “promover práticas de compartilhamento em sala de aula, [...] letrar-se no mosaico de referencialidade de matriz africana”. Essa prática na formação docente remete a afrocentricidade que é uma

[...] metodologia multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar dos estudos neste campo, ou seja, a afrocentricidade coloca o complexo cultural da matriz africana e a diáspora como eixo de empoderamento, articulação e de reflexão sobre este mesmo legado. (NASCIMENTO, 2010, p.5).

Neste movimento, Nascimento conseguiu fazer ramificação da prática afrocentrada na formação continuada de professores em consonância com a lei 10.639/03 (2010). Essa articulação provoca reflexão e apresenta no interior da escola, as contribuições de matrizes africanas.

Afroletramento possibilita trocas simbólicas (NASCIMENTO, 2010). A utilização da literatura afrobrasileira tem mobilizado algumas práticas pedagógicas e sendo alvo de pesquisas. Nogueira comenta Kiriku, conto africano em que uma criança africana combate dificuldades encontradas sem poderes paranormais ou utilizar violência. Discute ser possível, com sabedoria, resolver os problemas com resultado melhor para todos. Ainda fala de África sem batizar os negros com os estigmas da escravidão. Lopes e Nascimento (2021), mencionados anteriormente, utilizaram o conto Os Cabelos de Lelê na formação de docentes. Para as autoras, a proposta do livro subsidia a educação decolonial “com base na educação antirracista”. (LOPES; NASCIMENTO, 2021, p. 78). Conjuntamente com docentes uma pré-análise precede exploração do material e inferências. Entre análises das imagens, das perguntas articuladas pelas autoras e o conto, se desconstroem pensamentos, e posturas racistas são enfrentadas na forma e nas posturas pedagógicas do ensinar. Os fios dos cabelos de Lelê e a tranquilidade do super-herói Kiriku encontram ressonância nas práticas pedagógicas e propõe pedagogias outras. Quiçá pedagogias decoloniais na formação daqueles docentes em favor, de fato, da educação étnico-racial.

Ao longo das conversas na pesquisa-ação na escola em Porto Velho, uma foi dedicada a obra Os Cabelos de Lelê. Os resultados demonstraram dificuldades sentidas pelas professoras ao organizarem a prática docente em turmas onde frequentam haitianos, a

ausência de domínio da Língua Portuguesa apontada equivocadamente pelo corpo docente como motivo para pôr em questão a condição destas crianças aprenderem. Tensionados, estes aspectos, permitiram perceber as marcas dos processos pedagógicos que demonstram o racismo estrutural no cotidiano das professoras. Além disso, perceberam a ausência de formação continuada e de material relacionado à demanda de trabalho pedagógico. Outro aspecto, produto das reflexões do grupo de pesquisadoras, foi a constatação de, para além dos haitianos, outros imigrantes estarem invisibilizados no chão da escola onde foi realizada a pesquisa-ação.

Os resultados ensejaram a sistematização em um documento, algo novo para as participantes, com indicadores a serem oferecidos para a reflexão do corpo docente da escola a fim de contribuir para tratar da convivência com crianças haitianas e demais imigrantes na direção de uma abordagem intercultural. Ainda, a partir do documento, foi produzido um Calendário Intercultural como produto educacional, afim de atender à demanda por material didático anteriormente anunciada.

PALAVRAS CHAVE: Afroletramento docente. Educação em contexto amazônico. Tensionamentos ao currículo. Relações étnico raciais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rafael Mello; NOGUERA, Renato. Ensino de filosofia e a lei 10.630. **Revista Arte de Educar**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 386-392, ju./set. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/18346/13427>. Acesso em: 28 mar. 2022.

DIALLO, Alfa Oumar; SANTOS, Cíntia. Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano. **Afrocentricidade**, Bahia, p. 13-25, abr. 2011. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/2208/2105>. Acesso em: 28 mar. 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOPES, Dailza Araújo; NASCIMENTO, Dandara Lorryne do. Formação de professores e decolonialidade: o livro “O cabelo de Lelé”. **Interritórios**, Caruaru, v.7, n.13, p.69-86. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/250042>. Acesso em: 06 jun. 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora. In: _____. **Sankofa 4: Matrizes Africana no Mundo**. São Paulo: 2009. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

NASCIMENTO, Elisabete. Afroletramento Docente. 2010. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/portal/5seminario/PDFs_autores/Elisabete_Nascimento.pdf. Acesso em: 28 mar. 2022.

NOGUERA, Renato. Infância em Afroperspectiva: articulação entre sakofa, ndaw e terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia**, n. 31, p.53-70. maio/abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28256/24239>. Acesso: 06 jun. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia Decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26 n 1, p. 15-40. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 05 abr. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. **Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)**, p. 117-142. 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 24 out. 2021.

STAUDT, Taíse. Sou Diáspora: Construção Social e Mobilidade através da Memória de Haitianos no Brasil. - **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, edição especial, p. 1-26, maio. 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1475/959>. Acesso em: 23 dez. 2021.